

Uma história da vida

Bernd Renner

Eu comecei a aprender Inglês no “Gymnasium” (nome alemão para “ensino médio”) quando eu tinha 13 anos de idade. Antes dessa época, eu não tinha nenhum contato com o idioma Inglês. Naquele tempo, não havia nem telefones celulares, nem internet, pois, vivi minha infância em uma pequena vila com 600 habitantes, realmente não oferecendo uma oportunidade para entrar em contato com o Inglês.

Eu considero a minha primeira semana de aprendizagem da língua Inglesa na escola a minha primeira experiência de aprendizagem autônoma de Inglês, quando o professor nos deu a nossa primeira lição de casa. Parece-me certo dizer que, em situações de ausência do professor, a aprendizagem autônoma exige o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, como afirma Macaro (1997).¹

Lembro-me de que o ritmo de minhas aulas de Inglês eram rápidas, e os nossos professores sempre nos deram muitas tarefas de casa, e eu também me lembro de soltar palavras muitas vezes sobre isso. Contudo, acho que o esforço valeu a pena, mesmo com algum desabafo em forma de palavras. Desde aquela época, o processo de aprendizagem em Inglês foi autônomo e jamais teve férias. No meu caso específico, eu continuei aprendendo sozinho após o ensino médio, e também durante os meus estudos universitários de Turismo Internacional. Depois, aproveitei uma outra oportunidade de viver e trabalhar em Londres por dois anos. Esses foram momentos em que o meu Inglês melhorou muito. Considero que após esse tempo tornei-me fluente em Inglês. Eu também vivi em Toronto, no Canadá, por um ano, para melhorar o meu Inglês ainda mais, e também para fazer novas experiências com o Inglês americano.

Falando sobre o meu "papel" no que diz respeito à aprendizagem de Inglês, eu acredito que a motivação intrínseca é o ponto crucial na aprendizagem (autônoma).

Eu acho que eu percebi muito cedo que, na vida moderna, falar Inglês é essencial, seja para fins profissionais ou particulares.

Portanto, eu sempre tentei enriquecer meu vocabulário, observando palavras e expressões que eu não sabia, tentando ler livros escritos com um “Inglês simples”. Esta foi, possivelmente, não a maneira mais eficaz de melhorar o meu Inglês, mas cada pequeno passo é uma história de sucesso em si. Depois do meu tempo na escola e na universidade, eu realmente não tive um plano sobre como avançar com o meu nível de Inglês, então eu escolhi usar todos os meios disponíveis: livros, jornais, e, mais tarde, a internet. Assisti muitos filmes em Inglês no cinema e em DVD também.

¹ Cf. Macaro (1997, p. 167)

As desvantagens de aprender Inglês de forma autônoma é que pode ser muito cansativo e chato, especialmente se os esforços não mostram quaisquer melhorias significativas. Além disso, há sempre o perigo de se distrair com outras coisas que podem parecer mais importantes, se não há ninguém para lhe chamar atenção e exigir mais empenho e desempenho. Por outro lado, as vantagens mais importantes são: poder dividir o tempo da maneira mais adequada à minha realidade; poder escolher o material mais compatível, que eu considero interessante e ao mesmo tempo sempre com um nível mais difícil para buscar meu nível; e, por último, aprender sem precisar seguir as instruções de um professor, sem sentir a pressão de ser avaliado.

Considero o conhecimento de outra língua muito útil no que diz respeito à aprendizagem. No meu caso específico, eu comecei a aprender o Latim na escola quando eu tinha 11 anos, e me formei neste idioma após nove anos (longos). É uma língua "morta", antiga, que não se fala mais, no entanto, tem uma importância significativa no desenvolvimento cultural e linguístico da Europa.

O processo de apropriação do latim era a pura aprendizagem de estruturas gramaticais, vocabulário e tradução. Mas, eu acho que exatamente o estudo profundo da estrutura da própria linguagem me ajudou muito para construir uma compreensão geral do Inglês. Além disso, eu comecei a aprender francês com 15 anos de idade, durante três anos estudei o francês, e depois por mais dois anos na universidade. Embora a pronúncia e também a gramática de Inglês (e Latina, pelo menos) sejam bastante diferentes do francês, estas línguas ainda mostram muitas semelhanças no que diz respeito aos princípios e à semelhança de muitas palavras.

Por último, e não menos importante, eu considero o conhecimento destas línguas útil para a aprendizagem de alguns conhecimentos básicos de espanhol, que eu aprendi durante dois anos na universidade. Neste contexto, observo que existe uma autonomia na competência de aprendizagem de línguas que proporciona ao aprendiz aumentar e aplicar certas habilidades de aprendizagem de línguas, até a aprendizagem de uma terceira língua (Macaro, 1997)².

Eu não me considero bem sucedido igualmente na aprendizagem das quatro habilidades do idioma Inglês. Acho que isso é devido ao fato de que tenho vivido vários anos em países de língua inglesa, por isso fui confrontado com a linguagem 24/7 todos os dias, principalmente "forçado" a falar. Portanto, me considero mais competente na habilidade de falar, seguido de compreensão auditiva, leitura e escrita, nesta ordem.

De um modo geral eu acho que cada aluno tem seus pontos fortes e seus pontos fracos, e falando de minha própria experiência como professor, eu definitivamente posso confirmar isso para a aprendizagem do idioma Inglês.

Por isso concordo com a ideia de "individualização" que Benson e Voller (1997)³ descrevem:

² Cf. Macaro (1997, p. 170-171)

³ Benson e Voller (1997, p. 6-7)

para os autores, a aprendizagem autônoma de línguas é ligada a individualização e a ideia de que, para cada aprendiz, existem estilos próprios, capacidades e necessidades de aprendizagem. Fiz o meu primeiro profissional e oficialmente reconhecido teste de idioma Inglês em Toronto, Canadá, em 2011, que é chamado TESOL Certification (Teachers of English to Speakers of Other Languages): um programa de 120 horas focado no ensino de abordagens e metodologias, planejamento de aula e os aspectos estruturais, lexical e fonológico de Inglês. Este teste é considerado um teste internacionalmente reconhecido para professores de Inglês de todo o mundo. Mas fiquei muito desapontado com o conteúdo e com o "esforço" necessário para receber este certificado - sentado em uma classe com cerca de 30 outros "professores", ouvindo a mesma pessoa falando sobre os princípios do ensino por vários dias (...).

Para ser honesto, eu não me lembro de muita informação importante, que tenha sido proveitosa para minha carreira de professor; fica a sensação de ter jogado dinheiro e tempo fora.

Este primeiro certificado de idioma foi seguido pelo CELTA (Certificate of English Language Teaching to Adults, University of Cambridge, England), em novembro de 2011, organizado pela *Berlin School of English* em Berlim, Alemanha. O CELTA é um full-time programa intensivo de quatro semanas centrada na análise da linguagem, conhecimento e habilidades, planejamento e recursos para diferentes contextos de ensino e desenvolvimento de competências pedagógicas e profissionalismo.

Na verdade, é exatamente o oposto do TESOL, os tutores eram todos certificados e altamente profissionais, com vários anos de experiência de ensino em todo o mundo. Lembro-me que éramos 22 alunos (professores de Inglês "in spe") no início, dos quais 20 falantes nativos de Inglês, dos EUA, Canadá, África do Sul, Austrália, Inglaterra e Irlanda, e dois falantes nativos de alemão. A carga de trabalho era intensa, consistindo da aprendizagem da teoria sobre a prática docente pela manhã, aplicada na prática real e diária para alunos "reais" no período da tarde. Todas as aulas tiveram que ser planejadas com antecedência (e em detalhes: seis páginas de conteúdo para cada aula), que tinha que ser feito na tarde / noite ou no fim de semana (eu quase esqueci os vários resumos e ensaios que tiveram que ser escritos). O curso foi muito duro, sendo falante nativo ou não, e que consistia em muito trabalho e poucas horas de sono. Lembro-me que, durante esse tempo, eu nem sequer bebia uma única cerveja, que é muito incomum para um alemão. No final, estávamos todos muito felizes por termos conseguido - apenas 20 de nós sobrevivemos ao curso, dois alunos desistiram depois de duas semanas, e eu ainda estou com orgulho de ter este certificado. Mesmo que esses dois certificados sejam projetados para professores de Inglês, e não para os alunos, eles ainda me ajudaram muito a melhorar meu próprio conhecimento sobre este idioma, iluminando o Inglês a partir de várias perspectivas e me dando uma visão mais ampla do ensino.

A questão sobre a ansiedade durante o processo de aprendizagem e também durante a

realização é algo que tem sido discutido por muitos anos.

Lembro-me da minha primeira exposição em Inglês na frente dos meus colegas de classe quando eu tinha 14 anos de idade. Tratava-se de um dos meus cantores favoritos da música reggae, Bob Marley. Todos nós tivemos que fazer a exposição, por isso, todos nós compartilhamos os mesmos medos. Eu estava muito nervoso com tudo, minha pronúncia do Inglês, e sobre meus companheiros rindo de mim, caso eu cometesse alguns erros. Mas, sobrevivi! O professor ficou feliz, e fiquei ainda mais.

Às vezes é preciso superar medos. Como os alunos deveriam enfrentar os desafios da vida real, se eles temem a aprendizagem de outro idioma? Não existe tal coisa como aprender sem cometer erros, porque isso, basicamente, significaria que o estudante já é fluente na língua. É possível aprender um instrumento musical sem cometer erros? Definitivamente não é.

Segundo Ehrman (1996), existem dois tipos diferentes de ansiedade: a ansiedade "debilitadora" e a "facilitadora". Em minha opinião, tudo pode ser superada pelo confronto do aluno com esse tipo de situação. Um resultado positivo de uma situação tão desagradável, mesmo que isso possa acontecer só depois de várias tentativas, é a coisa mais gratificante e motivadora para o aluno. Atualmente, estou aprendendo o idioma Português, e eu estou tentando falar tanto quanto possível, e eu ainda estou cometendo muitos erros e preciso aprender um monte de vocabulário. Porém, reclamar apenas não ajuda – só a prática constante e a repetição.

A experiência como professor mostra isso, muitas vezes os alunos ficam com medo de falar na frente da classe e do professor. Às vezes, é uma boa ideia deixá-los falar em pequenos grupos, onde eles se sentem mais confortáveis, tentando deixá-los discutir sobre coisas interessantes e engraçadas que realmente dependem de suas próprias vidas. Às vezes eles ficam tão animados e distraídos que eles perdem todos os seus medos e começam a falar, surpreendendo-se com as suas próprias atuações depois.

Falando sobre a internet como uma ferramenta para aprender Inglês, eu tenho que admitir que eu não costumo usá-la de uma maneira específica. Quando eu tenho que produzir meus próprios textos em Inglês, eu uso um pouco, diferentes dicionários on-line (<http://www.macmillandictionary.com>) para especificar ou parafrasear as palavras e expressões. Às vezes eu também olho os materiais didáticos alternativos para os meus alunos, mas não com muita frequência. A internet e os materiais disponíveis são sempre atualizados, e é também mais rápido que digitar uma palavra em vez de olhá-la em um dicionário.

O fato de que eu trabalho como professor de Inglês e o confronto diário da língua, incluindo a necessidade de responder permanentemente às perguntas dos alunos, felizmente, não me dão muitas chances de esquecer muito. No entanto, há uma necessidade constante de próprio esforço necessário para melhorar meu vocabulário, o conhecimento gramatical e a fluência. Eu sempre tento falar tanto

Inglês como possível a fim de manter e melhorar o meu nível atual. Escrever e-mails para os amigos que falam Inglês em todo o mundo ajuda muito, assim como a leitura de livros em Inglês, assistir filmes em Inglês no cinema, ou apenas deixando um canal de TV Inglês execução em segundo plano quando estou fazendo outra coisa.

Para terminar a minha história de vida eu gostaria de um breve comentário sobre o papel do professor no que diz respeito à aprendizagem autônoma em sala de aula.

Vários aspectos e pré-condições são necessários e exigidos pelos professores, mencionados por diferentes autores neste texto. Na minha opinião como professor de Inglês, eu gostaria de salientar que esta requer uma abordagem muito cuidadosa e constante revisão do processo de aprendizagem autônoma. Segundo Nicolaides (2003), vários aspectos devem ser considerados para definir se um aluno é ou não autônomo. De acordo com o autor, isso depende de uma série de fatores, que vão desde questões culturais e personalidade até as crenças que um aprendiz desenvolve ao longo dos tempos de escola. Vários outros aspectos devem ser adicionados neste contexto, como a idade, o sexo e outros aspectos, a fim de conseguir uma melhora possível com os esforços do presente modelo de aprendizagem.

Eu também gostaria de voltar para o que eu tinha já mencionado no texto: Ansiedade não é nada ruim. Eu considero que seria duvidoso sempre instruir os alunos em detalhes sobre o que eles deveriam fazer por conta própria. Boa orientação é necessária, muita orientação causa prejuízo. Os alunos precisam usar seu próprio cérebro, não só na maneira de simplesmente executar uma tarefa que foi atribuída, mas também no desenvolvimento de suas próprias estratégias de aprendizagem, mesmo que isso seja decepcionante ou até mesmo frustrante em alguns casos. Mas ter resolvido uma tarefa desafiadora que parecia inicialmente ser muito difícil, dá auto-confiança e incentiva a "mais". Ao meu ver, escola não está só para intermediar conteúdos de matemática, física, línguas e outros assuntos, ela está lá para preparar os alunos para os desafios da vida real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENSON, P. ; VOLLER, P. (Ed.). **Autonomy and independence in language learning**. Essex: Addison Wesley Longman, 1997.

EHRMAN, M. E. **Understanding second language difficulties**. London: Sage, 1996.

MACARO, E. **Target language, collaborative learning and autonomy**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

NICOLAIDES, C. **A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico**. 2003. 230 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.